

# ALFABETIZAÇÃO EM PORTUGUÊS DE CRIANÇAS SURDAS: UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO NO CENTRO RAIMUNDO NONATO DIAS RODRIGUES (CRNDR).

Ieda Pantoja Coelho<sup>1</sup>

Natália Cristina de Carvalho Pantoja<sup>2</sup>

Thais Carneiro dos Santos<sup>3</sup>

Martha Zoni<sup>4</sup> (orientadora)

**Resumo:** este artigo tem como objetivo geral analisar como a criança surda aprende e se aprende com o método TEACCH<sup>5</sup> adaptado para a alfabetização em português como L2. Para isso, discutimos o ensino de LP como L2 para surdos e discutimos também a temática alfabetizar letrando o sujeito surdo. Fundamentaram essa discussão os seguintes autores: Brito (1993), Quadros e Schmiedt (2006), Salles (2007), Fernandes (2006), Cagliari (2009), Soares (2018), Guttman (1993), Gesser (2009), Russo (2012). No plano da metodologia da pesquisa, delimitamos a abordagem qualitativa (MOITA LOPES, 1994) com ênfase no tipo de pesquisa-ação (ELIOT, 1990). A coleta de dados se deu por meio de três distintos instrumentos (o questionário, as fichas de observação, as atividades com a adaptação do método TEACCH). Essa investigação mostrou que os efeitos da aplicação do método TEACCH são evidentes, uma vez que o método adaptado se mostrou eficaz no processo de ensino-aprendizagem em LP do sujeito surdo.

**Palavras-chave:** Alfabetização e Letramento em LP como L2; aluno surdo; método TEACCH.

**Abstract:** This article aims to analyze how the deaf child learns and if this happens with the TEACCH method, adapted to literacy in Portuguese as L2. For this, we discussed the teaching of LP as L2 for the deaf, and also the theme of literacy by literating the deaf subject. This discussion was based on authors such as Brito (1993), Quadros and Schmiedt (2006), Salles (2007), Fernandes (2006), Cagliari (2009), Soares (2018), Guttman (1993), Gesser (2009), Russian (2012). In terms of the research methodology, we defined the qualitative approach (MOITA LOPES, 1994) with an emphasis on the type of action research (ELIOT, 1990). Data collection took place using three different instruments (the questionnaire, observation sheets and activities, with the adaptation of the TEACCH method). This investigation showed that the effects of applying the TEACCH method are evident, since this has been shown to be effective in the teaching-learning relationship in LP on the deaf individual.

**Key-words:** Literacy and Literacy in LP as L2; deaf student; TEACCH method.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Letras Libras Português da Universidade Federal do Amapá...

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Letras Libras Português da Universidade Federal do Amapá...

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de Letras Libras Português da Universidade Federal do Amapá...

<sup>4</sup> Professora Assistente II do Departamento de Letras e Artes da Universidade Federal do Amapá. E-mail: [mcfzoni@hotmail.com](mailto:mcfzoni@hotmail.com)

<sup>5</sup> *Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children.*

## **Sumário**

<b>Introdução</b>	<b>1</b>
<b>1. Referencial Teórico</b>	<b>2</b>
1.1 O Ensino de LP como L2 para Alunos Surdos	2
1.2 Alfabetizar Letrando o Sujeito Surdo	5
1.2.1. O Processo de Letramento do Surdo	9
<b>2. Metodologia da Pesquisa</b>	<b>11</b>
2.1 A abordagem e o Tipo de Pesquisa	12
2.2 O Universo da Pesquisa e a Coleta de Dados	12
2.2.1 O Questionário da Pesquisa	12
2.2.2 As Fichas de Observação da Pesquisa	13
2.2.3 As Atividades Programadas com a Adaptação do TEACCH	13
<b>3. Análise dos Dados</b>	<b>14</b>
3.1. Os Efeitos da Aplicação do Método TEACCH	15
<b>Considerações Finais</b>	<b>20</b>
<b>Referências</b>	<b>22</b>

## Introdução

O presente trabalho surgiu de um diagnóstico obtido nas disciplinas de Estágio Supervisionado do Curso acerca da qualidade do Ensino Básico nas escolas públicas e privadas de Macapá-AP quanto ao ensino de Língua Portuguesa como segunda língua (LP como L2<sup>6</sup>) para alunos surdos. Sentimos uma lacuna no que diz respeito a metodologias e trabalhos mais sistemáticos com esse alunado específico.

Creemos ser importante possibilitar, ao educando com surdez, independência na sua escrita, de forma que ele possa alcançar meios para sua promoção social na sociedade em que está inserido, visando garantir um direito fundamental. Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB– 9394/96, 2010):

**Art. 1º** A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais. [...] **§ 2º** A educação escolar deverá vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social.

Considerando a lacuna, ainda existente, e entendendo que a LP como L2 para surdos na modalidade escrita é uma necessidade e um direito garantido pelo decreto 5626/2005 que garante o acesso à educação da língua de sinais e o ensino da língua portuguesa escrita como segunda língua, assim como assinala, Quadros e Schmiedt (2006, p. 17).

Dessa maneira, pensando nessa obrigatoriedade aos alunos surdos, elaboramos um material didático, adaptado do método TEACCH, para o trabalho com um aluno com surdez na sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE) do Centro Raimundo Nonato Dias Rodrigues (CRNDR). Para isso, foi feita uma pesquisa com duração de quatro meses (agosto a dezembro de 2019).

Nosso objetivo principal era analisar como a criança surda aprende e se aprende com o método TEACCH<sup>7</sup> adaptado para a alfabetização em português como L2. Como objetivos específicos procuramos investigar como o aluno surdo aprende; observar se o material didático adaptado atende aos objetivos de aprendizagem do surdo; avaliar a progressão de conhecimento do surdo por meio do material adaptado.

---

<sup>6</sup> LP como L2, aqui, será entendida como a Língua Portuguesa na modalidade escrita para surdos.

<sup>7</sup> *Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped Children.*

As perguntas que nortearam nossa pesquisa foram: a) como se dá o processo de ensino-aprendizagem de LP como L2 para surdos? b) a proposição de material adaptado pode ser uma ferramenta eficaz no ensino de LP como L2? c) de que forma uma proposta metodológica adaptada do método TEACCH pode servir para medir a progressão de conhecimento de alunos surdos uma vez que esse método é voltado para o ensino de alunos autistas<sup>8</sup>?

A metodologia da nossa pesquisa tem abordagem qualitativa, uma vez que tivemos contato direto com a criança surda e procuramos interpretar os dados que nos foram aparecendo ao longo da investigação (cf. MOITA LOPES, 1994). O tipo de pesquisa foi a pesquisa-ação, pois, assim como afirma Eliot (1990), esse tipo de pesquisa estuda uma situação social a fim de melhorar a qualidade da ação dentro de uma dada realidade. Como procuramos refletir sobre nosso próprio trabalho e sobre o sujeito pesquisado, a pesquisa-ação nos coube melhor.

Este artigo está dividido em três seções, além desta Introdução e das Considerações finais. A primeira seção versa sobre o Referencial Teórico da pesquisa e se subdivide nos seguintes tópicos: O Ensino de LP como L2 para Alunos Surdos; Alfabetizar Letrando o Sujeito Surdo. A segunda seção é dedicada à Metodologia da Pesquisa. Por fim, a terceira seção traz a Análise dos Dados.

## **1. Referencial Teórico**

Apresentamos, a seguir, tópicos que fundamentam o processo de aprendizagem e alfabetização dos educandos surdos, como: 1.1 O Ensino de LP como L2 para Surdos; 1.2 Alfabetizar Letrando o Sujeito Surdo. Os autores discutidos, nesta seção, são: Brito (1993), Quadros e Schmiedt (2006), Salles (2007), Fernandes (2006), Cagliari (2009), Soares (2018), Guttman (1993), Gesser (2009), Russo (2012).

### 1.1 O Ensino de LP como L2 para Alunos Surdos

Neste tópico, abordamos o ensino de LP como L2 para surdos, pois, quando se fala no processo de alfabetização do aluno surdo, temos que buscar métodos

---

<sup>8</sup>Na seção referente à metodologia e análise de dados discursaremos sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) a fim de elucidarmos melhor o método TEACCH, que foi feito para o trabalho com alunos autistas.

eficientes para que esse trabalho alcance o êxito educacional com esse público com necessidades específicas.

Ressaltamos, também, que é ideal que o aluno surdo conheça primeiro a sua L1 (no caso, a Língua Brasileira de Sinais – Libras), para, então, aprender LP como L2. Como o sujeito de nossa pesquisa já tem um conhecimento básico de Libras, partimos, aqui, da concepção de L2 de forma não simultânea<sup>9</sup>, mas de forma consecutiva.

Sabemos que antigamente o surdo enfrentava grandes dificuldades para ter a sua língua reconhecida e, quando se trata de educação de surdos, esses sujeitos encontram grandes obstáculos por conta de não haver um ensino apropriado. São poucas as instituições escolares que dão uma atenção especial para o ensino do surdo, ou seja, que trabalham metodologias adequadas que, de fato, possam auxiliar no seu pleno desenvolvimento. Segundo Brito (1993, p. 34):

As línguas naturais têm a importante função de suporte do pensamento, função está frequentemente ignorada por especialistas envolvidos na educação do surdo que consideram a Língua apenas como meio de comunicação. [...] As Línguas de Sinais, por serem naturais e de fácil acesso para os surdos, são extremamente importantes para o preenchimento da função cognitiva e suporte do pensamento. (foi feito já a formatação)

Quando se discute a questão do ensino de LP como L2, a situação é ainda mais agravante porque os docentes não estão qualificados para esse tipo de situação e acabam ensinando o surdo como se estivessem lidando com ouvintes. Por não haver material apropriado, utilizam modelos de ensino próprios de línguas orais. Muito do que se tem ensinado para o surdo parte do material que foi feito para o aluno que ouve – e é assim que pensam autores cujo entendimento está descortinado abaixo:

A aquisição do português escrito por crianças surdas ainda é baseada no ensino do português para crianças ouvintes que adquirem essa língua na modalidade falada. **A criança surda é colocada em contato com a escrita do português para ser alfabetizada seguindo os mesmos passos e**

---

<sup>9</sup> Os termos simultâneo e consecutivo dizem respeito à forma como um indivíduo aprende uma outra língua além da sua primeira língua. Aprendizagem simultânea é quando ele aprende, por exemplo, Libras e LP ao mesmo tempo. Aprendizagem consecutiva é quando ele aprende ou começa a aprender, por exemplo, a Libras e só depois vai aprender outra língua, como a LP.

**materiais utilizados nas escolas com as crianças falantes do português**  
(QUADROS e SCHMIEDT, 2006, p. 23, grifos nossos).

Outro problema detectado é a falta de relação da L2 com a L1. Ou seja, ao contrário do que se preceitua, a Libras é desconsiderada e o sujeito surdo é tratado como uma *tabula rasa*. Quadros e Schmiedt (2006, p. 24) são contundentes ao afirmarem que:

O ensino do português pressupõe a aquisição da língua de sinais brasileira – “a” língua da criança surda. A língua de sinais também apresenta um papel fundamental no processo de ensino-aprendizagem do português. A ideia não é simplesmente uma transferência de conhecimentos da primeira língua para a segunda língua, mas sim um processo paralelo de aquisição e aprendizagem em que cada língua apresenta seus papéis e valores sociais representados.

A Lei n. 10.436 de 24 de abril de 2002 garante ao surdo o ensino de Libras como a sua primeira língua, porém essa não poderá substituir a modalidade escrita da LP. Com isso, alguns profissionais da área da educação começaram a ensinar a LP como L2 para surdos, mas a grande maioria desses profissionais não era capacitada e não utilizava estratégias metodológicas apropriadas para ensinar alunos surdos. Essa inadequação fez com que muitos alunos se afastassem da sala de aula, porque se sentiam incapazes de aprender.

Para que se tenha um bom rendimento no ensino da LP, é necessário, antes de tudo, que o docente conheça a Libras. Deve conhecer, também, o modo como o surdo aprende uma vez que sua acuidade visual é bastante aprimorada e isso faz com que o input cognitivo se dê primeiro visualmente. Logo, é importante que o professor encontre estratégias que ajudarão em sua prática pedagógica. Salles (2007, p. 47, grifos nossos) ratifica nosso pensamento, pois ela

recomenda que a educação dos surdos seja efetivada em língua de sinais, independente dos espaços em que o processo se desenvolva. **Assim, paralelamente às disciplinas curriculares, faz-se necessário o ensino da língua portuguesa como segunda língua, com a utilização de materiais e métodos específicos no atendimento às necessidades educacionais do surdo.**

O ensino de LP é indispensável para que o surdo esteja inserido no seu país de origem, onde seus direitos e normas são regidos na LP. Mas, para que isso ocorra, é necessária uma educação de qualidade e é essa a dificuldade ainda enfrentada pela comunidade surda de modo geral, pois, como já afirmamos, faltam profissionais que estejam aptos a ensinar o surdo. Eles são colocados em salas

regulares e esquecidos no cantinho por não ter um profissional capaz de lhes auxiliar.

No Estado do Amapá, ainda não existem cursos básicos sistemáticos para o ensino de LP como L2 para surdos. O que há são cursos de Libras para pessoas que ainda não conhecem e não sabem utilizar a língua de sinais. Fato este que pode ser comprovado pelas pesquisadoras durante o processo de pesquisa e aplicação das atividades em lócus. Porém, quando são ofertadas essas vagas, elas são preenchidas pela comunidade acadêmica, por familiares de surdos e por pessoas que pertencem à comunidade surda. Os professores da Educação Básica das salas regulares, no entanto, raramente procuram fazer algum curso de Libras.

Como podemos verificar, o processo de aquisição de LP como L2 requer medidas e estratégias para que o educando consiga ter domínio da língua a ser ensinada. Mas, para que isso ocorra de fato, é necessário que métodos eficazes sejam adotados. Nas palavras de Fernandes (2006, p. 6),

Aprender o português decorrerá do significado que essa língua assume nas práticas sociais para as crianças e jovens surdos. E esse valor só poderá ser conhecido por meio da língua de sinais; [...] o professor deve estar ciente de que o conhecimento mais amplo ou reduzido do que seja o português dependerá da seleção dos textos que ele trouxer para a sala de aula.

De acordo com as propostas educacionais aqui debatidas, os professores precisam rever suas práticas educativas com os alunos surdos, para que assim esses alunos sejam respeitados como pessoas que se comunicam por meio de sua língua própria e para que essa língua possa ser, de fato, reconhecida e valorizada no ambiente educacional e social.

## 1.2 Alfabetizar Letrando o Sujeito Surdo

A alfabetização tem sido tema recorrente em fóruns, congressos e colóquios científicos pelo Brasil afora. Nos últimos anos, o País parece estar despertando para a realidade desse tema, o qual, por muito tempo, veio sendo mascarado pelos meios educacionais, instituições de ensino superior estão promovendo eventos voltados para o ensino do surdo onde podemos observar as dificuldades enfrentadas e algumas sugestões de ensino.

Na Universidade Federal do Amapá ocorreram muitas palestras, jornadas e mini cursos voltados para a educação de surdos, como podemos citar: III Fórum de Educação e Surdez: Ensino de Língua Portuguesa para surdos; e Práticas de ensino da língua portuguesa para alunos surdos. Porém, grande parte da população brasileira, ainda analfabeta, está alijada dos processos sociais. Dados do <sup>10</sup>IBGE apontam que apesar da queda, o Brasil ainda tem 11 milhões de analfabetos. A taxa de analfabetismo no Brasil passou de 6,8%, em 2018, para 6,6%, em 2019, de acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Contínua Educação.

Nesse cenário, alguns desses sujeitos têm seus direitos sociais e individuais sufocados, engolidos por políticas educacionais infrutíferas que têm sido desenvolvidas ao longo de muitas décadas. Um desses sujeitos que está, em sua grande maioria, à margem da sociedade é o surdo.

Na verdade, o sujeito surdo, por muito tempo foi um ser invisível na sociedade. Porém, essa realidade está, ainda de forma tímida, mudando. Muitos surdos estão fazendo valer seus direitos como sujeitos atuantes em uma sociedade totalmente excludente, um exemplo, é as provas de vestibular adaptadas em línguas de sinais como ocorreu no vestibular da UNIFAP para o curso de Letras libras-português do ano de 2018 onde, 15 acadêmicos surdos passaram em uma prova adaptada onde levava-se em conta a habilidade na língua de sinais. Nos anos anteriores apenas 1 surdo conseguia passar porque eram considerado muitos conteúdos que os surdos não eram cientes.

Voltando à questão da alfabetização, ela é considerada uma das ações educacionais mais importantes em uma sociedade letrada. É por meio dela que a criança irá ter domínio básico da leitura e da escrita. Alfabetizar<sup>11</sup> uma criança, ainda nas séries iniciais, ajudará a desenvolver seu processo cognitivo. Em crianças surdas, esse procedimento ocorre similar à alfabetização de pessoas ouvintes, porém com algumas diferenças. Para Cagliari (2009, p. 6),

---

<sup>10</sup> Fonte: IBGE- PENAD contínua 2017-Educação

<sup>11</sup> A concepção de alfabetização que estamos adotando neste trabalho é a mesma definida por Soares (2018, p. 16). Segundo essa autora, “convém desde já esclarecer que aqui se entende por alfabetização um conjunto de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, orientem a aprendizagem inicial da leitura e da escrita”.



O processo de alfabetização inclui muitos fatores, e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como a criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo de interação social da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá o professor de caminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais.

Sabemos que algumas escolas enfrentam dificuldades em lidar com alunos surdos, tanto em relação à falta de profissionais qualificados, quanto em relação à falta de material e espaço de ensino não preparado para receber esse aluno, como já afirmamos na seção anterior. A necessidade de ter-se um aluno letrado é diária, porque a maioria precisa ter um domínio da leitura e da escrita para executar tarefas do dia a dia, tarefas escolares e tarefas profissionais que exigem a escrita.

Acerca do processo de alfabetização, cabe abrir um parêntese para tratar, brevemente, de alguns métodos que já estiveram ou ainda estão em voga no processo ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. Durante muito tempo, as escolas se fundamentaram na crença de que o importante na aprendizagem era, de início, juntar as letras consoantes, as quais deveriam estar combinadas com as vogais, para que, desta forma, fossem formadas as sílabas das palavras. Somente depois de longo e exaustivo treino acerca de vogais e consoantes, seria possível formar palavras e frases complexas. Esse método tradicional e intuitivo, que era trabalhado nas cartilhas dos anos 1960, era conhecido como “Método de Soletração”, com apoio das cartas de ABC (ou Cartas de Abecedário).

O método de soletração estava voltado a desenvolver a grafia, deixando de lado, portanto, a relação existente entre oralidade e escrita. Progressivamente, a sonoridade das letras foi ganhando o espaço do método de soletração e se avançou para novos métodos: os métodos fônicos e silábicos, que receberam o nome de sintéticos.

Esses métodos sintéticos contribuíram para um método utilizado hoje no ensino de crianças que apresentam uma deficiência que compromete a fala e a apropriação do som da palavra: é o método denominado de método das boquinhas. Parte das reflexões desse método foi proporcionada pelo contido no “Programa de la Calidad de la Educacion” (MECE), surgindo, depois, o Programa de 900 Escolas, o qual foi desenvolvido no Chile, desde os anos 1990, e indicado pela

Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) para ser utilizado em outros países (cf. GUTTMAN, 1993).

Com o avanço nos estudos sobre alfabetização, passou-se a se considerar outros aspectos na aprendizagem da criança: a sua realidade psicológica. O objetivo era tornar a aprendizagem infantil mais significativa. Para que isso viesse a acontecer realmente era necessária a compreensão da importância da palavra escrita, na sua forma e no seu fundo. Muitos questionamentos foram levantados quanto ao tipo de método a ser utilizado para alfabetizar crianças a partir desse dado acerca de suas realidades psicológicas.

Surgiu, então, o paradigma cognitivista, que tem como principal representante Jean Piaget, que se apresenta na área da alfabetização por meio do Construtivismo<sup>12</sup>. Para a teoria construtivista, o erro é visto de forma positiva e faz parte do desenvolvimento cognitivo do aluno. Se a este é permitido criar, em algum momento, ocorrerá o erro. Esse entendimento do erro como algo natural faz com que o aluno não tenha medo de errar e o processo de alfabetizar passa a ser uma ação natural entre acerto-erro-acerto.

A partir das teorias piagetianas e, mais recentemente, a partir do constructo sociointeracionista, a alfabetização passou a ser vista não apenas como uma tecnologia, uma forma de aquisição de uma habilidade – a escrita. Ela passou a ser vista, ao lado do processo de letramento, como uma forma de ascensão social.

A partir da leitura de Lodi; Harrison; Campos (org.2010), e Fernandes (2006), sobre o conceito de letramento, podemos afirmar que ele não é o produto das sociedades letradas, mas uma mudança por que essas sociedades passam com o uso da escrita, o letramento aplica-se à vida dos homens em uma sociedade de escrita. Ele permite aos indivíduos a interação social por meio da escrita o que, por sua vez, leva a um mundo de descobertas.

Neste trabalho, defendemos que letramento e alfabetização não são ç sinônimos. Enquanto a alfabetização tem a ver com o fato de uma pessoa saber ler

---

<sup>12</sup> Construtivismo é uma tese epistemológica que defende o papel ativo do sujeito na criação e modificação de suas representações do objeto do conhecimento. O termo começou a ser utilizado na obra de Jean Piaget e desde então vem sendo apropriado por abordagens com as mais diversas posições ontológicas e mesmo epistemológicas. Hoje é atribuído a abordagens da filosofia, pedagogia, psicologia, matemática, cibernética, biologia, sociologia, letras e artes. (Wikipédia. Verbete: Construtivismo. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki>. Acesso em 27/2/2020).

e escrever, o letramento diz respeito a um processo mais amplo de uso da escrita em diversos contextos sociais. Enquanto podemos dizer que alfabetização é a aquisição da escrita, dizemos que o letramento é um processo que envolve práticas e eventos de uso da escrita na sociedade. Podemos diagnosticar se um indivíduo é ou não alfabetizado, mas não temos como mensurar tão facilmente o grau de letramento de uma pessoa. Por isso, é tão importante alfabetizar letrando as crianças e as crianças surdas não estão à parte desse processo.

### 1.2.1. O Processo de Letramento do Surdo

O primeiro passo para ajudar no letramento do aluno surdo é não o considerar por uma ótica ouvintista. Um dado importante em relação a isso começa pelo próprio processo de alfabetização. Os surdos, diferentemente dos ouvintes, não aprendem pela relação entre letra e som. Eles apreendem visualmente a palavra inteira e a memorizam, relacionando-as com imagens já presenciadas no seu cotidiano. Ou seja, a percepção da palavra vai ocorrer pelo reconhecimento visual que eles têm. Vale recuperar a opinião abalizada de Fernandes (2006. P. 9):

No caso dos surdos, a leitura não ocorrerá recorrendo às relações letra-som (rota fonológica). Desde os primeiros contatos com a escrita, as palavras serão processadas mentalmente como um todo, sendo reconhecidas em sua forma ortográfica (denominada rota lexical), serão “fotografadas” e memorizadas no dicionário mental [...].

Não é à toa que as crianças surdas logo se desinteressam pela LP como L2, pois parece que para aprendê-la precisam aprender a entender o “som” das palavras, uma vez que nas escolas prevalece o método fônico para alfabetizar. A metodologia para o surdo, assim como já afirmado por Fernandes (2006), precisa levar em conta a forma como o aluno aprende. Por isso, é importante alfabetizar o surdo letrando-o a partir de um paradigma construtivista e sociointeracionista. É preciso pensar a escrita de forma mais ampla. E não como uma decifração de som/letra/sílaba/palavra. Essa relação em nada significa ao sujeito surdo.

A falha da escola está em não buscar inteirar-se de um modo diferente de aprender e ensinar. Percebemos, claramente, a imposição da cultura majoritária ouvinte sobre os surdos, uma vez que eles são praticamente obrigados a aprender português como os demais. Não é gratuitamente que os surdos, em grande parte, têm baixo rendimento na escola desde as séries iniciais até, às vezes, no ensino superior. Eles não têm domínio da escrita, não são instruídos ao que devem ler e

como devem ler, para que seus estudos sejam aprofundados. Para Russo (2012, p. 127).

A elaboração dos primeiros textos requer a ajuda do professor, tanto na organização das ideias quanto no registro. Essas primeiras produções têm grande importância para todos os envolvidos no processo, e o professor, visando melhores resultados individuais, precisa ter paciência para construir textos com os alunos.

Apesar de a citação estar relacionada já à produção de textos escritos e não ao processo inicial da alfabetização em LP como L2 para surdos, é interessante observar o fator que Russo (2012) menciona e que serve para todos os níveis de ensino, sobretudo os níveis iniciais de qualquer processo de aprendizagem: o apoio do professor. Na alfabetização, sobretudo de LP como L2 para surdos não é diferente, uma vez que ele está sendo alfabetizado em uma língua completamente diferente da sua L1 (a Libras). Assim, é imprescindível que ele seja ajudado e acompanhado em suas primeiras tentativas, seja da escrita de um texto, seja da escrita de uma palavra.

Outro fator importante nesse processo de letramento é que o professor e o aluno entendam que uma língua não é apenas um acumulado de estruturas gramaticais, apesar de essas estruturas serem importantes à construção de textos. Segundo Russo (2012, p. 55),

O professor precisa conscientizar-se de que o aluno aprende melhor e assimila com maior facilidade aquilo que lhe interessa mais diretamente. Repetir regras que não podem ser compreendidas não ajuda o aluno e não diz nada nem a ele nem a nós, professores. Somos os mediadores, orientadores, aqueles que sistematizam a aprendizagem.

Enfim, devemos considerar que, para o aluno surdo, a aquisição da escrita em LP é uma importante ferramenta que irá abrir portas para as demais possibilidades de inclusão na sociedade brasileira, o que abrange o campo educacional desde a sua infância até o estudo superior, o trabalho, o acesso a bens culturais e econômicos, entre outras coisas.

Mais uma vez reforçamos que a questão do letramento não deve ser confundida com a questão da alfabetização, porque o surdo, ao letrar-se, terá melhor domínio dos textos escritos e saberá usá-los e produzi-los quando necessário e em contextos adequados. A alfabetização é só o início do processo e não esgota o que o surdo precisa aprender em termos de escrita da LP.

A partir de estudos teóricos e do diagnóstico que fizemos tanto nos níveis de Estágio Supervisionado quanto do período de nossa imersão no CRNDR, fomos levadas a pensar em propor uma adaptação do método TEACCH, uma vez que uma das pesquisadoras é professora de crianças autistas, para analisar de que forma esse método poderia ser adaptado a uma criança surda em seu processo de alfabetização/letramento na LP como L2. Na seção seguinte, iremos discorrer melhor sobre a Metodologia de Pesquisa empregada em nosso trabalho.

## 2. Metodologia da Pesquisa

A pesquisa aconteceu no CRNDR, nos meses de agosto a dezembro de 2019, antes da pandemia do novo coronavírus (COVID-19, (com um discente surdo, de idade de 8 anos e conhecimento básico da Libras. Optamos por trabalhar o processo de alfabetização do aluno surdo com o apoio de material estruturado para alunos que apresentam Transtorno do Espectro Autista (TEA). O TEA tem como características um grupo de desordens que fazem com que pessoas que o apresentem tenham seus desenvolvimentos cognitivos e sociais alterados, principalmente na área da comunicação.

Esse transtorno no desenvolvimento acaba por comprometer o indivíduo nas habilidades linguísticas e comunicativas sejam elas verbais ou não verbais. Grandin (2015), em uma de suas entrevistas, explica que o pensamento do autista em relação a imagens, consegue ser melhor do que quando não há imagens. Ou seja, o autista consegue assimilar melhor as informações visuais e encontra meios que envolvam o uso de recursos do ambiente que o cerca que favoreça a organização do pensamento[...]. Também segundo Fonseca e Ciola (2016, p. 19, grifos nossos),

O ensino estruturado é uma intervenção no qual se baseia na filosofia TEACCH e que permite uma variedade de métodos instrucionais e aplicações no dia a dia. **Envolve entre outras coisas uso de apoio e Prompts (dicas) visuais, comunicação alternativa [...] e estímulos consistentes que favorecem respostas mais apropriadas.**

Ao refletirmos sobre tal aspecto, acreditamos que as dificuldades cognitivas são amenizadas a partir de um olhar diferenciado sobre o modo como o autista aprende, com ênfase na percepção visual, o que se assemelha, nesse ponto, ao modo como o surdo também aprende.

Com base nessa acuidade visual e nessa forma de assimilar conceitos por meio de imagens que o TEACCH foi criado. Esse método busca entender como a pessoa autista pensa, como ela vive, como ela aprende e como ela responde ao ambiente que a cerca. Foi também esse o ponto-chave que nos ligou ao tema da alfabetização da criança surda, já que comprovadamente aprende melhor por meio de estímulos visuais objetivos.

### 2.1 A abordagem e o Tipo de Pesquisa

Optamos por uma pesquisa com abordagem qualitativa, por meio da qual poderíamos ter contato direto com o sujeito pesquisado, a criança surda, uma vez que essa abordagem metodológica compreende o indivíduo também a partir de suas impressões da realidade, e isso deve ser levado em consideração no momento da observação dos fatos (MOITA LOPES, 1994).

O sujeito pesquisado foi a nossa fonte direta de conhecimento e geração de dados, partindo de uma realidade que atinge a maioria dos educandos surdos no Estado do Amapá, com base na dificuldade desse indivíduo ser alfabetizado na idade adequada na LP. No caso de nosso sujeito de pesquisa, ele já está dois anos atrasado em relação às demais crianças ouvintes.

Especificamente quanto ao tipo de pesquisa, foi feita uma pesquisa-ação, ou seja, uma pesquisa que, segundo Eliot (1990), é o estudo de uma situação social com o fim de melhorar a qualidade da ação dentro de uma dada realidade; é uma atividade compreendida por grupos com o objetivo de modificar essa realidade; é uma prática reflexiva de ênfase social a qual se investiga e se avalia constantemente.

### 2.2 O Universo da Pesquisa e a Coleta de Dados

A pesquisa de campo foi realizada no CRNDR, nos meses de agosto a dezembro de 2019. Além do sujeito surdo com quem tínhamos encontros, semanalmente, às quintas de 16h às 17h, foi sujeito da pesquisa também a professora regente da classe regular em que estava matriculado o aluno surdo.

A coleta de dados se deu por meio de três instrumentos diferentes. Foram eles: o questionário; as fichas de observação e as atividades programadas com a adaptação do TEACCH.

### 2.2.1 O Questionário da Pesquisa

O questionário foi diretamente destinado à professora da classe regular. Esse instrumento de pesquisa foi formado por perguntas abertas acerca da formação docente, da experiência dela, do material didático utilizado por ela em sala de aula, o tempo de serviço que possui na área de atuação em sala, o conhecimento da Libras. As perguntas foram formuladas de maneira clara, concreta e precisa, com um número de perguntas limitado para que a docente fosse informada sobre a natureza delas e a sua finalidade.

A professora da classe pôde levar o questionário e trazê-lo no encontro seguinte com as pesquisadoras. Caso fosse necessário, elas [as pesquisadoras] poderiam sanar as dúvidas.

### 2.2.2 As Fichas de Observação da Pesquisa

Foi indispensável manusear algumas fichas de observação. A finalidade dela era que as pesquisadoras pudessem, nesta fase, descrever o sujeito da pesquisa: o seu modo comportamental, seu modo de se comunicar e agir, as suas palavras comuns, os seus gestos mais usados no seu cotidiano.

A interpretação de todas essas anotações feitas nas fichas de observação incluiu as observações pessoais das pesquisadoras – feitas durante a fase de coleta de dados, que serviram de diagnósticos para que a partir destes pudessemos construir o material estruturado a ser utilizado na pesquisa. Para isto, fizemos uso de um caderno de notas, para que toda a anotação fosse recolhida no ato da observação.

### 2.2.3 As Atividades Programadas com a Adaptação do TEACCH

As pesquisadoras, para a fase da intervenção, organizaram um conjunto de atividades direcionadas a partir do método TEACCH. Essas atividades e a aplicação delas serviram também e, fundamentalmente, de banco de dados da pesquisa. O material foi feito em uma base plastificada para o espaço

vocábulo/tema a ser estudado e outro espaço reservado ao aluno para que ele escrevesse a palavra relacionada em LP. Foram deixados também outros dois espaços diferentes que estavam reservados à imagem em Libras ou a fotos (imagens).

Com as atividades aplicadas, objetivamos investigar como o aluno surdo aprende; observar se o material didático adaptado atende aos objetivos de aprendizagem do surdo; avaliar a progressão de conhecimento do surdo por meio do material TEACCH adaptado às necessidades da criança surda que participou da pesquisa.

Esse material, apesar de singelo, tem como ponto forte ser um apoio às aulas de LP do indivíduo surdo na modalidade escrita e, assim, ajudá-lo no processo de inclusão que surta mais efeito e que apresente uma aprendizagem mais significativa na vida do educando surdo. Então, a interpretação que adotamos nos instrumentos de coletas aqui apresentados nos deu alguns direcionamentos e nos trouxe algumas reflexões, conforme apontaremos na seção de Análise dos Dados.

### **3. Análise dos Dados**

Como já descrito na seção destinada à Metodologia da Pesquisa, a análise foi realizada por meio da observação direta das pesquisadoras na sala de aula com aplicação do método TEACCH, também já mencionado anteriormente. A partir daí, tivemos uma grande resposta sobre o ensino-aprendizagem do aluno surdo aqui investigado. De saída, vale destacar que o Centro Raimundo Nonato Dias Rodrigues apresenta uma boa estrutura física e docentes são qualificados para atuar na área de educação especial. Ele conta com sala do AEE e de Libras, em que a docente trabalha as duas línguas com o educando, a Libras e a LP.

Tem-se a professora como sua mediadora principal ao longo do processo ensino-aprendizagem. Destaque-se, também, que a escola citada acima, apesar de não ter intérprete de Libras, possuía sala de AEE, a qual estava bem organizada e bem equipada, a julgar pela realidade do Estado do Amapá que temos constatado.

Depois da finalização da observação *in loco*, constatou-se a necessidade de uma adaptação das atividades propostas pelas pesquisadoras, haja vista que esta foi elaborada, no primeiro momento, para ser aplicada com letras de alfabeto

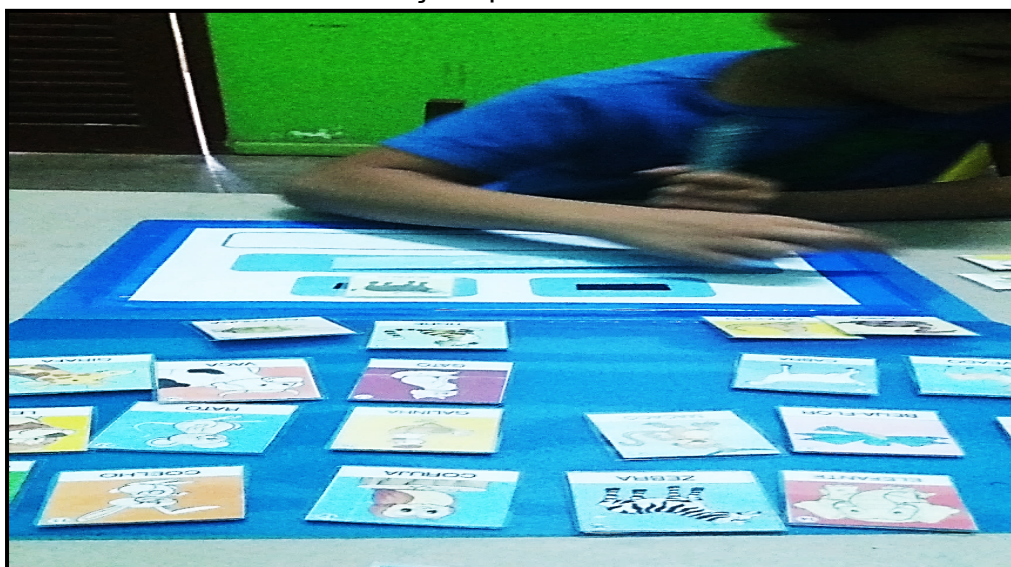


móvel, mas, como citado anteriormente, o aluno surdo aprende por palavras e não por sílabas.

Todavia, a realidade no que diz respeito à alfabetização e letramento de criança com surdez difere de forma bem clara da realidade da pessoa com audição, e isso se reflete na sua aprendizagem, quando ela ocupa o seu espaço no mercado de trabalho. As consequências de uma educação negligenciada causam de fato muitos atrasos no desenvolvimento social e cognitivo do educando surdo.

### 3.1. Os Efeitos da Aplicação do Método TEACCH

Os dias de intervenções que ficamos em sala com o aluno e trabalhamos o material que foi estruturado com base no método TEACCH, desenvolvido para auxiliar no desempenho de pessoas com TEA, podendo este ser trabalhado com crianças que tenham ou não alguma limitação cognitiva. Então, escolhemos um material em que isso fosse fácil e de boa flexibilização quanto à transferência de base, em que a criança surda pudesse manuseá-lo com facilidade e com melhor compreensão dos comandos a partir de estímulos visuais. A experiência foi levada a efeito como na imagem 1 a seguir:



**Imagem 1:** Aplicação

do método TEACCH para o aluno surdo.

**Fonte:** Pesquisa de Campo (COELHO; PANTOJA; CARNEIRO, 2019).

Na atividade estruturada, nós fixávamos o sinal do animal na base plastificada que continha velcros, e fixávamos a imagem do animal com o nome abaixo. Depois pedíamos para ele escrever o nome do animal em LP. O educando se saiu bem, uma vez que apresenta percepção visual mais exploratória que a do ouvinte. Queríamos que ele se sentisse instigado com aquela atividade e buscamos dificultar, esse processo foi registrado tal como a imagem 2, a seguir, demonstra:

**Imagem 2:** O aluno surdo desenvolvendo as atividades do TEACCH

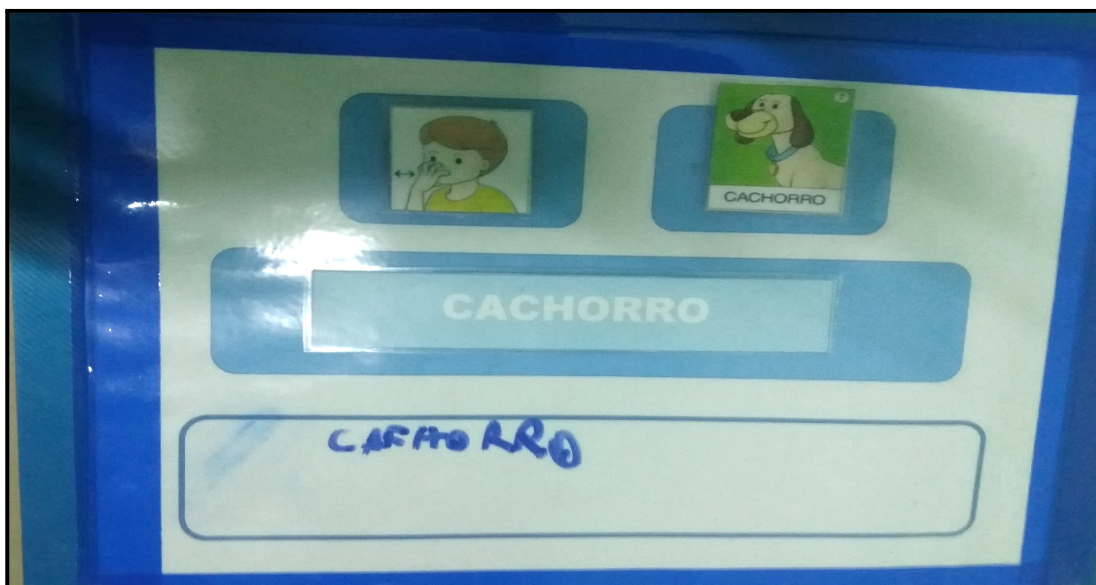
**Fonte:** Pesquisa de Campo (COELHO; PANTOJA; CARNEIRO, 2019).



Em seguida, foi colocada só a imagem do animal e perguntávamos qual era o sinal dele. O aluno, por sua vez, mostrava o sinal, mas ele não conseguiu recordar o sinal de todos os animais, e ele também não conseguia escrever o nome do animal, se nós não usássemos a datilologia. As pesquisadoras partiram de sinais desconhecidos pelo aluno, animais que a professora ainda não havia trabalhado com o educando. Neste caso, ele sempre precisava de um auxílio tanto para saber o sinal, quanto para escrever o nome do que estava exposto, e outros sinais, apesar de serem sinais que ele já teve contato em um dado momento através da sua professora, o aluno não recordava o sinal de animais que não eram corriqueiro do seu dia a dia.

De acordo com Russo (2012, p.127), como já citada anteriormente, diz ser fundamental o apoio do docente nesse processo de alfabetização, em que o aluno necessita do suporte para mediar essa aprendizagem, e isto não é errado. Ou seja, durante a produção escrita a paciência e o interesse do educando são cruciais para uma resposta significativa do aprendiz.

**Imagem 3:** O desempenho do aluno surdo diante da atividade do TEACCH

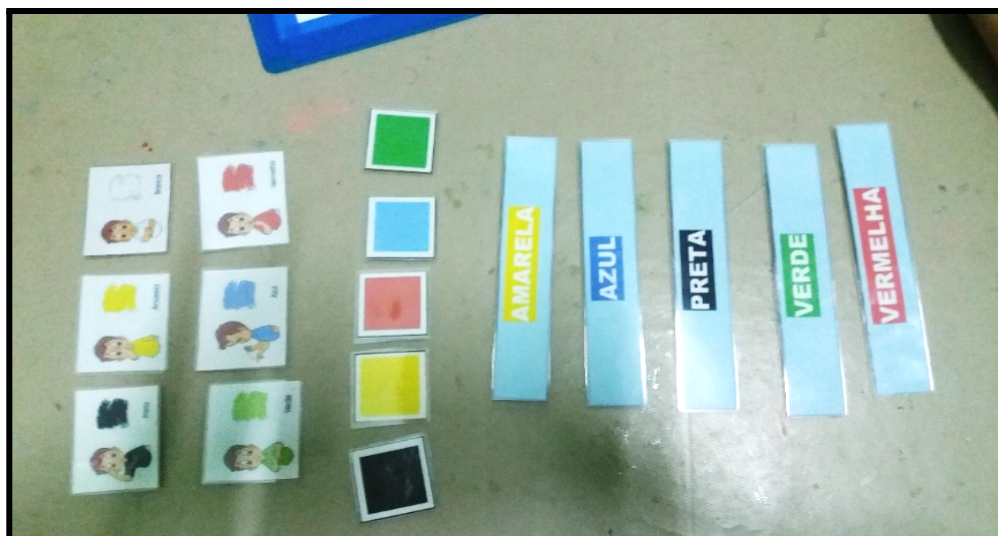


**Fonte:** Pesquisa de Campo (COELHO; PANTOJA; CARNEIRO, 2019).

Como já foi dito, a criança-alvo saiu-se bem nas atividades em geral, mas quando se retirava a imagem de um cachorro e pedíssemos para ele reproduzir o sinal, o aluno tinha dificuldades, e vice-versa. Se mostrássemos o animal, e pedíssemos que ele fizesse o sinal, tinha dificuldades. Em seguida, ficou provado que o aluno surdo era visual, ele precisava desse apoio para se sair bem no seu desenvolvimento e para que seu desempenho ocorresse de forma natural e significativa.

Em relação à atividade realizada com cores, a estratégia seguiu tal como demonstrada na Imagem 4:

**Imagem 4:** A aplicação da estratégia do TEACCH com o uso de cores



**Fonte:** Pesquisa de Campo (COELHO; PANTOJA; CARNEIRO, 2019).

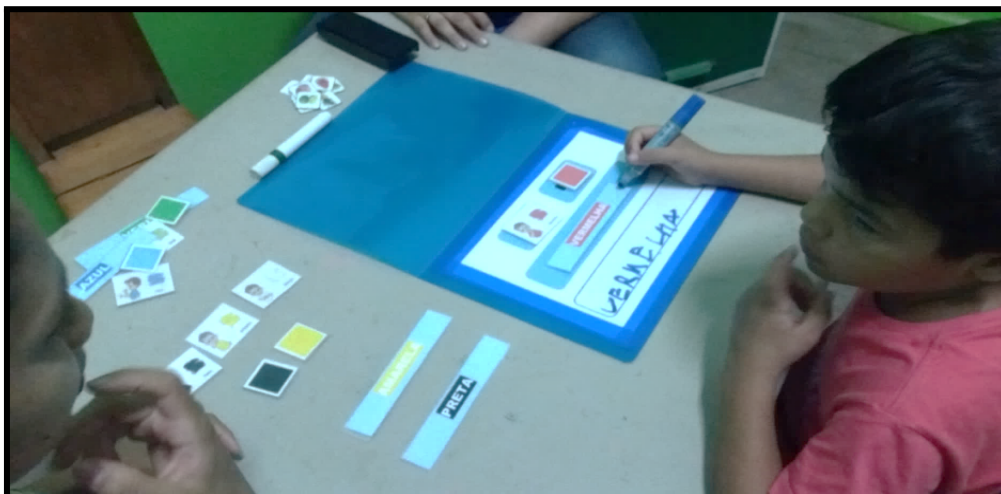
Na atividade estruturada com as cores, onde colocávamos os sinais, as cores, e as fichinhas com o nome de cada cor, o educando tinha que achar o nome correto, escrever o nome e dizer qual era o sinal sem ver a imagem que já estava exposto. Na atividade estruturada com as cores, portanto, onde colocávamos os sinais, as cores, e as fichinhas com o nome de cada cor, o aluno tinha que achar o nome correto, escrever o nome e dizer qual era o sinal sem ver a imagem que já estava exposta.

Isso nos remete ao pensamento de Quadros e Schmiedt (2006), para quem a meta dessas estratégias não será esgotar a situação de aula, mas demandará um olhar sobre o material diferente e sobre cada profissional. Esse material, deve ser explorado na sua própria iniciativa, com criatividade e com habilidades pelo docente, para que ele possa criar um recurso adequado à sua realidade naquele determinado momento, com aquela determinada criança. Por isso, o que se pretende é sempre repartir algumas ideias de material já utilizado no trabalho com surdos (alguns também utilizados com pessoas ouvintes) e com bons resultados no ensino da LP de maneira geral.

É pensando desse jeito que pretendemos contribuir com as instituições de educação de alunos surdos, agora no sentido de que com a nossa pesquisa possamos mostrar o caminho na direção de práticas educativas inovadoras que respeitem os direitos das crianças surdas e ajudem a construir uma sociedade mais justa, no que diz respeito a uma educação adequada e de qualidade de alunos surdos. A seguir, foi importante estabelecer uma relação de confiança com a criança investigada, o que pode ser verificado no teor da Imagem 5:

**Imagem 5:** O processo de proximidade entre pesquisadoras e a criança surda

Fonte:



Pesquisa de Campo (COELHO; PANTOJA; CARNEIRO, 2019).

Na Imagem 5, acima, vê-se que o aluno já estava bem familiarizado conosco, que de acordo ótica pedagógica de Jean Piaget (>>>), todos esses fatores devem ser levados em conta quando se pretende levar a educação de alunos surdos para um nível mais avançado, porque a afetividade entre professor/aluno facilita a comunicação entre ambos e favorece a aprendizagem do aluno.

Na imagem 6 colocamos na mesa imagens relacionadas as frutas, a princípio o aluno escolhia a fruta colocava na base, em seguida deveria relacionar ao sinal da mesma e fazê-lo. Após, deveria pegar a palavra correspondente a fruta e escreve-la no espaço indicado.



**Imagem 6:** A criança surda realizando a atividade das *Frutas*.

Fonte: Pesquisa de Campo (COELHO; PANTOJA; CARNEIRO, 2019).

Nesta atividade das frutas, o aluno tinha o caderno plastificado, as palavras e a imagem da fruta e seu respectivo sinal, ele tinha que ir pegando a palavra e reescrevê-la no espaço adequado. Vale ressaltar que o aluno não conseguia escrever sozinho, sempre precisava de suporte para poder realizar seu dever. Em relação à produção escrita percebe-se a necessidade de estimular e trabalhar desde os primeiros anos escolar, uma vez que ele demonstrou a dificuldade dele em escrever sozinho:

**Imagem 7:** A dificuldade de escrita da criança surda no teste de *Objetos*.



**Fonte:** Pesquisa de Campo (COELHO; PANTOJA; CARNEIRO, 2019).

Diante de todas as atividades realizadas pelas pesquisadoras, todas foram de extrema importância para finalizarmos nossa pesquisa e assim dar uma resposta para nossa intervenção no Centro Raimundo Nonato Dias Rodrigues. A atividade acima, foi a última trabalhada, pois as aplicações tiveram resultados positivos, mas também houveram momentos de dificuldade por parte do educando, o que nos faz refletir sobre melhores adequações as atividades propostas. Porém, o aluno teve um excelente aproveitamento e desenvolvimento nas suas tarefas aplicadas, pois as realizava com entusiasmo.

## Considerações Finais

Este trabalho com o tema *Alfabetização em Língua Portuguesa de Crianças Surdas*: Uma proposta de intervenção no Centro Raimundo Nonato Dias Rodrigues (CRNDR) representou uma investigação de um processo de alfabetização em LP.

Isso também significou um desafio acadêmico muito grande, pois é sempre muito complexo tentar resgatar um compromisso histórico da sociedade brasileira, ou tentar, mais do que isso, contribuir para a igualdade de oportunidades entre todos os cidadãos brasileiros, isso implica, de modo objetivo e mais direto, a oferta de uma educação escolar de qualidade, com mais compromisso, mais inclusão e mais justiça social.

Esse não é um desafio cuja grandeza se possa menosprezar. Por conta disso, tal concepção diz respeito ao processo de ensino e aprendizagem, de leitura e de escrita, para fins específicos: realizar a tarefa alfabetizadora de modo profissional, sem excluir dela a figura do mestre, do professor. Não se pode esquecer que o público-alvo, os discentes surdos, deve ter a garantia de um profissional de educação que possa auxiliá-los.

Foi muito satisfatório para nós, ter deixado uma proposta que deve ser adotada por escolas e profissionais que atendem os surdos. A utilização do material estruturado trabalhado em sala foi importante, porque o aluno, mesmo com alguma dificuldade, teve um progresso nas atividades, o que o motivava e fazia com que desenvolvesse com entusiasmo as demais atividades propostas.

Alfabetizar uma criança surda como vimos é uma tarefa que envolve um acréscimo de esforços diferente do esforço que se faz com uma criança ouvinte, e parte tanto do docente quanto do educando, por conta da Língua Portuguesa não ser a língua do surdo, ou seja, por estar lidando com uma língua que não é sua L1, o sujeito surdo terá um esforço a mais do que o aluno que ouve que também precisa se esforçar na hora de aprender sua língua materna. Nossa pesquisa buscou averiguar como que acontece esse processo de alfabetização em relação a esses sujeitos, levando em consideração o modelo de ensino da instituição em que a pesquisa ocorreu. O processo de alfabetização acontece concomitantemente com o ensino da Libras e da LP. Com a criação de material estruturado, esse processo acontece de forma mais eficaz para que o surdo tenha a habilidade nas duas línguas, já que é por meio desse material que ele vai ter mais desenvoltura e vai compreender os conteúdos de forma mais clara.

Muitos professores utilizam o material que é próprio e destinado ao modelo de ensino de alunos com audição – o que prejudica a progressão de conhecimento do aluno surdo. Dessa forma, percebe-se que a melhor maneira de ajudar nessa progressão é por meio da elaboração de material específico de ensino de LP, como L2, ao aluno, sendo que ele teve um desenvolvimento satisfatório em relação ao material que adaptamos.

Devemos ressaltar, também, que o material adaptado (TEACH) é um modelo utilizado para o ensino de alunos autistas e por ser algo que dá certo com esses alunos, utilizamos também para ver como o aluno se sairia com essa proposta de atividade. Como obtivemos sucesso em nossa intervenção, desejamos que esse material adaptado seja divulgado para que possa ser usado por mais pessoas que trabalham com surdos.

Enfim, nossa pesquisa não se esgota aqui. Muitos outros trabalhos podem ser feitos a partir do nosso, como nossa proposta também partiu da ideia desenvolvida no próprio curso de Letras Libras Português por outros colegas em seus trabalhos de conclusão de curso. Ainda há muito a ser feito, mas nos sentimos gratas por podermos ter contribuído, ainda que modestamente, com pesquisas na área da surdez no Estado do Amapá.

## **Referências**

BRANDÃO, Carlos Fonseca. 4ed. **LDB passo a passo**: lei de diretrizes e bases da educação nacional, lei nº9.394/96 comentada e interpretada. São Paulo: Avercamp, 2010.

BRITO L. F. **Integração social & Educação de surdos**. Rio de Janeiro: Babel; 1993.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística** / Luiz Carlos Cagliari – São Paulo: Sipione, 2009. (coleção pensamento e ação na sala de aula)

ELIOT, John. **La investigación-acción en education**. Madrid. Ediciones Morata S.A. 1990.

FERNANDES, Sueli F. **Práticas de letramento na educação bilíngüe para surdos**. Curitiba: SEED, 2006.



FONSECA, Maria Elisa Granchi; CIOLA, Juliana de Cássia Baptistella. **Vejo e aprendo**: fundamentos do programa TEACCH: o ensino estruturado para pessoas com autismo. 2.ed. São Paulo: Book Toy, 2016.

GESSER, Audrei. **Libras? Que língua é essa?** Crenças e Preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola, 2009.

GUTTMAN C. **Todos los niños pueden aprender**. El Programa de las 900 escuelas para los sectores pobres de Chile. Paris: UNESCO; 1993.

MOITA LOPES, L.P. **Pesquisa Interpretativista em linguística aplicada**: a linguagem como condição e solução. In: DELTA, Vol. 10, n.2, 1994, p. 329-338.

QUADROS, Ronice Müller de. SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2006.

RUSSO, Maria de Fatima. **Alfabetização: um processo em construção**. 6. ed., São Paulo, SP: Editora Saraiva, 2012.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima. **Ensino de língua portuguesa para surdos**: caminhos para a prática pedagógica. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 2 v. 2007.

SOARES, M. **Alfabetização**: A questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2018.

SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Dimensão, 1997.

LODI, Ana Cláudia B.; HARRISON, Kathryn Marie P.; CAMPOS, Sandra Regina L.; TESKE, Ottmar. (org.) **Letramento e Minorias**.4ed. Porto Alegre: Editora Mediação,2010.

Disponível

em:<https://www.opopular.com.br/noticias/ludovica/blogs/viva-a-diferen%C3%A7a/viva-a-diferen%C3%A7a-1.925289/temple-grandin-e-o-autismo-l%C3%A1-de-casa-1.966679>, acesso em 16/12/2019, às 15:30.